

fisga

"QUEM SABE TUDO É PORQUE ANDA MUITO MAL INFORMADO"



Já não somos mais que as mães

MENOS FILHOS E CADA VEZ MAIS TARDE. AS MULHERES EM PORTUGAL ESTÃO A ADIAR SER MÃES E ISSO VAI REFLETIR-SE NOS NÚMEROS DA POPULAÇÃO. PORQUE ESTÁ A MATERNIDADE A SER POSTA EM ESPERA?

TEXTO CLÁUDIA MONARCA ALMEIDA

INFOGRAFIA CARLOS ESTEVES ILUSTRAÇÃO CRISTIANO SALGADO

A crise da natalidade em Portugal é um fenómeno há muito anunciado. Nascem cada vez menos portugueses, uma tendência que se vem a afirmar desde os anos 70. Em 2020 nasceram apenas 84.558 bebés em Portugal e, segundo os dados do Instituto Ricardo Jorge, o primeiro trimestre de 2021 foi o pior dos últimos sete anos, nascendo menos 2898 crianças do que em igual período do ano anterior. Combinado com a elevada mortalidade – agravada pela crise pandémica – a população portuguesa voltou a encolher (somos menos 38.856 indivíduos depois de 2020, segundo o INE). Foi o décimo segundo ano consecutivo em que a mortalidade superou a natalidade e as previsões indicam que a tendência se vai manter.

"A principal causa do decréscimo da população portuguesa projetado para os próximos anos é,

precisamente, a muito baixa fecundidade que se tem observado”, afirma Lara Patrício Tavares, membro da direção da Associação Portuguesa de Demografia. Ligado a este decréscimo está o adiamento da maternidade.

A idade média da mãe ao nascimento do primeiro filho em Portugal tem vindo a aumentar consistentemente desde os anos 60, quando se situava nos 25 anos. Em 2014 tinha chegado pela primeira vez aos 30 e, em 2019, os dados mais recentes do Pordata situavam a média nos 30,5. Esta não é uma “peculiaridade portuguesa”, diz a docente do ISCSP (Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas da Universidade de Lisboa). “Pelo contrário, essa é uma tendência que se observa de forma generalizada nos países mais desenvolvidos, e na Europa em particular.” Em 2019, o Eurostat colocava Portugal em sexto lugar na lista dos países europeus onde as mulheres têm o primeiro filho mais tarde. A tabela coloca Itália e Espanha nos primeiros lugares. Inversamente, Bulgária e Roménia são os países da União Europeia onde a média de idades é inferior.

O IMPACTO DE ADIAR NA FECUNDIDADE

“O adiamento do nascimento do primeiro filho pode ter dois tipos de efeito na fecundidade”, explica Lara Patrício Tavares. “Primeiro, pode ter como consequência uma taxa de *childlessness* (ausência de filhos) involuntária mais elevada, uma vez que a probabilidade de uma gravidez bem-sucedida começa a diminuir bem mais cedo do que as pessoas pensam.”

O aumento da idade aquando do primeiro filho para depois dos 30 anos coincide com a idade em que a fertilidade da mulher começa a decrescer. “Talvez haja expectativas demasiado otimistas em relação ao sucesso das novas tecnologias de reprodução assistida (no Reino Unido, a probabilidade de sucesso de uma fertilização *in vitro* não chega a 25%, e diminui com a idade)”, exemplifica. Além de que estas técnicas são “bastante dispendiosas”.

“Um segundo efeito, é a revisão em baixa das intenções de fecundidade à medida que outros objetivos de vida vão surgindo”, afirma a especialista. Nas últimas décadas, não só o sucesso profissional passou a ser um objetivo central na vida de muitas mulheres, como surgem outros objetivos, viajar e aproveitar mais anos antes de eventualmente ter filhos.

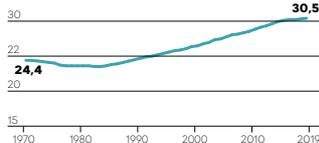
PORQUE ESTÃO AS PORTUGUESAS

A ADIAR A NATALIDADE?

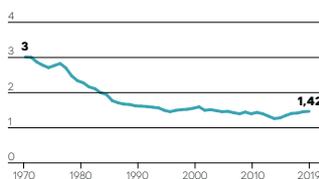
“A causa mais imediata para essa tendência é o acesso a meios contraceptivos eficientes, pois sem eles não seria possível evitar gravidezes não planeadas”, afirma Lara Patrício Tavares. “Mas quando pensamos noutro tipo de causas, mais distantes, a expansão da educação, nomeadamente a participação das mulheres no ensino superior, é um fator importante.”

Estudar até mais tarde significa “tipicamente” adiar a formação da família durante os estudos. Por outro lado, as mulheres com “um nível mais elevado de educação podem ter maiores

IDADE MÉDIA DA MULHER AO NASCIMENTO DO 1º FILHO EM PORTUGAL



EVOLUÇÃO DO ÍNDICE SINTÉTICO DE FECUNDIDADE EM PORTUGAL



FONTE: PORDATA

expectativas em relação à sua carreira”. No entanto, ter mais estudos não significa necessariamente ter menos filhos. “Certos traços de personalidade podem contrariar essa correlação negativa”, salvaguarda a docente. O Inquérito à Fecundidade, promovido pelo INE com a Fundação Francisco Manuel dos Santos, indica, por exemplo, a dimensão da família de origem e os ideais de parentalidade como influenciadores nas decisões quanto à parentalidade.

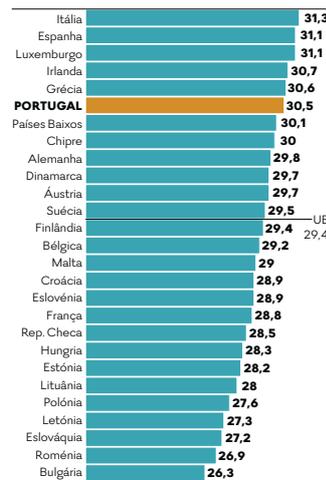
QUERER VS. PODER

Mas há um outro fator — “porventura mais importante” — que pesa nos projetos familiares de cada um: a incerteza económica. “A situação laboral menos favorável dos jovens (comparativamente com quem já está no mercado de trabalho) faz com que não estejam em condições de satisfazer o seu desejo de parentalidade. Dito de outra forma, a questão não é tanto que os indivíduos queiram adiar a parentalidade (e ter famílias mais pequenas) por terem outras formas de realização pessoal, mas mais uma questão de se verem forçados a isso”, afirma Lara Patrício Tavares.

O Inquérito à Fecundidade de 2019 apurou que apenas 9,7% da população em idade ativa não têm nem querem ter filhos. “O número médio de filhos, de mulheres e homens, passou de 1,03 em 2013 para 0,86 em 2019”, destaca o estudo. Um número menor do que a média de filhos desejados, que foi estimada em 2,15.

Os custos associados às crianças, mas também as dificuldades em encontrar emprego estável e o

IDADE MÉDIA DA MULHER AO NASCIMENTO DO 1º FILHO NA UNIÃO EUROPEIA EM 2019



FONTE: EUROSTAT

medo do futuro são fatores que pesam nas escolhas dos possíveis futuros pais.

ESTARÃO OS PORTUGUESES EM VIAS DE EXTINÇÃO?

Como consequência de tudo isto, nascem cada vez menos bebés por mulher em idade ativa em Portugal. Este indicador, denominado índice sintético de fecundidade, caiu de 3,2 nos anos 60 para 1,42 em 2019, muito abaixo do 2,1 (o valor considerado necessário para haver renovação das gerações). “Mais do que reverter a tendência, o essencial é travar o progressivo aumento da idade aquando do primeiro filho”, defende Lara Patrício Tavares. “Poder-se-ia promover uma maior consciencialização das mulheres do incontornável relógio biológico, mas como a ausência de filhos é (ainda) relativamente baixa em Portugal, as medidas de política dever-se-iam centrar no apoio à transição para o segundo filho — sendo que não chegam medidas avulsas, sendo necessária uma verdadeira política de natalidade.”

Segundo o Inquérito à Fecundidade, nove em cada dez mulheres e 85,9% dos homens consideram que os incentivos são essenciais. “Flexibilizar os horários de trabalho para mães e pais com filhos pequenos”, “alargar a rede e o acesso a creches, jardins de infância e ATL” e a criação de subsídios de apoio aos pais e “incentivos fiscais às entidades empregadoras com práticas de gestão que apoiem trabalhadores com filhos” são algumas das medidas mais assinaladas pelos inquiridos. ●